

Tragédia na escola: quadrinhos, percepção e representação¹

School tragedy: comics, perception, and representation

Maria Isabel Borges²

Universidade Estadual de Londrina



10.11606/2316-9877.Dossie.2023.e219554

Resumo

Pretende-se mostrar a percepção dos cartunistas Alisson Affonso, Genildo e Daniel Lafayette sobre duas tragédias ocorridas em 2023, em ambiente escolar, relacionando linguagem, representação e performatividade. Em 27 de março, a professora Beth foi morta por um adolescente (13 anos), em São Paulo. Em 5 de abril, um homem matou quatro crianças em uma creche, em Blumenau, Santa Catarina. A análise de seis textos em quadrinhos, publicados no *Instagram*, baseia-se na compreensão da linguagem quadrinística (Acevedo, 1990; Cagnin, 2014; Eisner, 2010; Ramos, 2010). Também são estabelecidas relações entre percepção de mundo, representação e performatividade (Austin, 1990; Borges, 2004; Souza Filho, 2006; Rajagopalan, 2003). Os quadrinistas compartilham a linguagem, mas não percebem e representam as duas tragédias igualmente. Realizam escolhas, assumem responsabilidades quando os textos se tornam públicos. Atuam como “porta-vozes” das vítimas (Alisson e Genildo), críticos da sociedade e do bolsonarismo (Lafayette, Genildo e Motta).

Palavras-chave: História em quadrinhos. Linguagem. Percepção de mundo. Representação. Performatividade.

Abstract

This study intends to show the perception of the cartoonists Alisson Affonso, Genildo and Daniel Lafayette regarding two tragedies that occurred in 2023 in school environments, relating language, representation and performativity. On March 27th, the teacher Beth was killed by a 13-year-old adolescent in São Paulo. On April 5th, a man killed four children in a daycare center in Blumenau, Santa Catarina. The analysis of six comics texts published on Instagram is based on the understanding of the comics language (Acevedo, 1990; Cagnin, 2014; Eisner, 2010; Ramos, 2010). The study also establishes relationships between world perception, representation, and performativity (Austin, 1990; Borges, 2004; Souza Filho, 2006; Rajagopalan, 2003, 2010). The

¹ Apresentado na Seção Temática 12 - “Quadrinhos, História e Sociedade”, modalidade presencial, em 24 ago. 2023. Apresentação disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wmm12jz5hGY>. Acesso em: 09 dez. 2023.

² Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Pesquisa histórias em quadrinhos e orienta trabalhos a respeito no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL-UEL). Coordenadora do projeto de pesquisa “Quadrinhos e análise linguística: as personagens em atuação nas novelas gráficas”. Email: mariaborges@uel.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3470-9566>.

cartoonists share the language but do not perceive and represent the two tragedies equally. They make choices and assume responsibilities when the texts become public. They act as “spokespersons” for the victims (Alisson and Genildo), critics of society and Bolsonaroism (Lafayette, Genildo and Motta).

Keywords: Comics. Language. World perception. Representation. Performativity.

Considerações iniciais

Em 27 de março de 2023, segunda-feira, a professora Elisabeth Tenreiro (Beth), foi assassinada a facadas por um aluno (13 anos). Também três colegas dela ficaram feridas. Essa tragédia ocorreu na Escola Thomazia Montoro, em São Paulo. Em 5 de abril, quarta-feira, um homem (25 anos), assassinou quatro crianças (4 a 7 anos) na creche Cantinho Bom Pastor, em Blumenau (SC). O tema, neste artigo, concentra-se na percepção de três quadrinistas sobre as duas tragédias que exemplificam o agravamento da violência escolar após a pandemia e gestão bolsonarista (Borges, Pacheco, 2023; Fraindenraich, 2023; Gabrielle, Carlucci, 2023; Gehm, 2023).

Foram considerados seis textos em quadrinhos, três para cada tragédia: Alisson Affonso, Genildo e Daniel Lafayette, publicados no *Instagram*. O primeiro quadrinista é gaúcho, mora em Rio Grande, RS. Possui um perfil no Instagram³ e um no Facebook⁴. Também atua como ilustrador e é colaborador da revista em quadrinhos *Plataforma HQ*⁵, que venceu 30º Troféu Ângelo Agostini na categoria “Melhor Lançamento Independente”. Genildo é capixaba e mora em Vitória, ES. Também possui perfis em redes sociais (Instagram⁶; Facebook⁷) e um blogue⁸, onde publica principalmente charges, desde 2009. Já Daniel Lafayette, o Lafa, é carioca; possui um perfil no Instagram⁹ e no Facebook¹⁰, além de um blogue¹¹. Todos eles produzem textos em quadrinhos curtos, tais como charges, tiras e cartuns, cujo formato facilita a divulgação via internet.

³ <https://www.instagram.com/affonso.alisson/>.

⁴ <https://www.facebook.com/alisson.affonso>.

⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/PlataformaHq>. Acesso em: 11 dez. 2023.

⁶ <https://www.instagram.com/genildoronchi/>.

⁷ <https://www.facebook.com/genildo.ronchi>.

⁸ Disponível em: <http://www.genildo.com/>. Acesso em: 11 dez. 2023.

⁹ <https://www.instagram.com/ultralafa03/>.

¹⁰ <https://www.facebook.com/daniel.lafayette.31>.

¹¹ Disponível em: <https://ultralafa.wordpress.com/>. Acesso em: 11 dez. 2023.

O objetivo principal é mostrar a percepção dos quadrinistas em relação às tragédias, relacionando linguagem quadrinística, representação e performatividade. A análise baseia-se na compreensão da linguagem quadrinística (personagens, tempo e espaço) (Acevedo, 1990; Cagnin, 2014; Eisner, 2010; Ramos, 2010). Também são estabelecidas relações entre temática, percepções de mundo (quadrinistas), representação e performatividade (Austin, 1990; Borges, 2004; Souza Filho, 2006; Rajagopalan, 2003). As considerações analíticas constituem atos interpretativos a partir dos seis textos escolhidos, assumindo o viés político-ideológico que se contrapõe à banalização da vida e à naturalização da violência em qualquer contexto.

Não há consenso entre os estudiosos quanto às características vinculadas à direita ou à esquerda. É consenso que não se reduzem a dois lados, direita e esquerda, apesar de assim, muitas vezes, serem definidos. Para cada país, há um cenário político-ideológico e que está em constante transformação. No Brasil, são entendidos como partidos de direita “[...] conservadores, democratas-cristãos, liberais e nacionalistas, e ainda o nazismo e fascismo na chamada extrema direita”. Já os de esquerda, são compreendidos “[...] os social-democratas, progressistas, socialistas democráticos e ambientalistas”, entendendo como extrema-esquerda “[...] movimentos simultaneamente igualitários e autoritários, como movimentos operários e comunistas pelo fim da propriedade privada”. Os partidos de centro defendem “[...] o capitalismo sem deixar de se preocupar com o lado social. Em teoria, a política de centro prega mais tolerância e equilíbrio na sociedade. No entanto, ela pode estar mais alinhada com a política de esquerda ou de direita” (Direita, 2019).

1 – As tragédias representadas nos textos em quadrinhos

As personagens funcionam como referências que orientam o leitor de uma narrativa. Ramos (2010, p. 107) as caracteriza como “bússolas”; já Borges (2023, p. 208) as compreende como “força motriz”, vinculadas à perspectiva do narrador e às coordenadas espaciais e temporais demarcadas na trama. Trata-se de uma trama que, de um lado, apresenta ao leitor — um interpretante (Borges, 2023) — , fatos narrativos sequenciados e arranjados a partir dos quadros (menor unidade narrativa) — o processo de enquadramento da história (Eisner, 2010). E, de

outro, está alicerçada em uma contextura proposital e estrategicamente planejada pelo quadrinista (Eisner, 2010). Quando se lê um texto em quadrinhos, é preciso interpretá-lo na junção daquilo que graficamente está explícito com aquilo que está invisível (McCloud, 2005). Por isso, é possível pensar o texto em quadrinhos como uma trama estrategicamente tecida, visando à construção dos sentidos (Borges, 2023).

Daniel Lafayette — o Lafa — trouxe o olhar da imprensa e sociedade brasileiras sobre o violento acontecimento (figura 1). Na última eleição presidencial, houve uma polarização entre bolsonarismo (direita) e lulismo (esquerda) no âmbito político-ideológico e na “pauta de costumes”. Nas discussões, pouco se falava sobre propostas de governo ligadas à economia, educação, saúde... Polemizavam-se os modos de viver e ver o mundo (por exemplo, suposta ameaça da família tradicional perante demandas feministas e religiões não evangélicas e católica). E não se pode esquecer da política armamentista incentivada pelo governo bolsonarista.

Figura 1 — Pai e filho



Fonte: Lafa, 27 mar. 2023.

Perante uma sociedade polarizada, a atitude violenta do adolescente é um efeito. A escola “fala em nome” da sociedade onde está inserida (traço da representação). Assim, o quadrinista retratou o lado representado pelo pai, enfurecido (legenda “o pai”). E ilustrou o lado do filho, mascarado, segurando uma faca ensanguentada sem nada dizer (legenda “o filho”). Nesse caso, dois quadros foram necessários para estabelecer uma comparação entre as personagens e sugerir que a violência do adolescente, materializada na escola, é fruto de uma percepção de mundo previamente construída no meio familiar,

também influenciada pelas escolhas político-ideológicas do pai. Emerge-se a força de influência em circulação na sociedade via internet (redes sociais, por exemplo), na imprensa e nas campanhas eleitorais... A vivência escolar está sob efeitos das vivências em sociedade.

Em relação às personagens, há uma combinação de estilo no traço, estilizado e caricato. Inspirado em tipos humanos bastante conhecidos na sociedade — pai e filho —, simplificam-se os elementos faciais: olhos sem cílios, porém com sobrancelhas; dentes à mostra; nariz e orelhas simplificadas. O elemento caricato se evidencia no tamanho do nariz, sobretudo o do pai, e os dentes de ambos, dando o efeito de fúria e de que algo será “devorado” ou atacado. A combinação de sobrancelhas arqueadas, com cantos externos elevados, boca aberta e grande, com os dentes visíveis, sugerem a raiva dos opressores, referindo-se à tragédia.

Em meio à representação de dois tipos humanos — pai e filho —, há certo efeito estereotipado a partir da fala expressa no primeiro quadro. Simplificam-se as características das pessoas que estejam alinhadas à esquerda e à direita, a ponto de organizar as relações sociopolíticas em apenas dois grupos enviesados político-ideologicamente, pois, se o pai define os esquerdistas como destruidores das famílias, logo ele se colocaria como direitista, quando se baseia em tal “lógica de mundo”. A referência intertextual ao nariz de Pinóquio, que cresce a cada mentira contada, também faz parte da caracterização visual do pai. O dizer expressa o posicionamento político-ideológico, alinhado aos discursos extremistas aflorados nos últimos anos, principalmente nas duas eleições presidenciais recentes (2018 e 2022). Esse posicionamento do pai reflete no do filho. Entretanto, não se concentra na esfera discursiva e político-ideológica, e sim materializa-se em atos físicos de violência. A gravidade dos discursos extremistas está somente nos atos físicos de violência e na agressão simbólica (as manifestações linguísticas). A questão é que, no primeiro texto, a tragédia se tornou real, resultando na morte da professora Beth, em feridos físicos e em “feridas” simbólicas e psicológicas.

O primeiro plano — um dos posicionamentos da personagem e objetos dentro do quadro (Acevedo, 1990; Cagnin, 2014; Ramos, 2010) —, possibilita ao interpretante perceber que a agressividade verbal-discursiva e político-ideológica esboça os tipos humanos em questão por meio da linguagem dos

quadrinhos, recorrendo-se a formas de representação gráfico-visuais: a combinação de dois traços, o caricato e o estilizado, no desenho das personagens. Estando uma do lado da outra, em quadros diferentes, instaura-se a comparação entre elas, levando-se em conta o poder de influência do pai sobre o filho. Também é possível dizer que, por trás de um ato violento real, há um ato imbricado a ele, ocorrido na esfera político-ideológica. Com base em Rajagopalan (2003) e na visão performativa de linguagem (Austin; 1990; Souza Filho, 2006), o real, ocorrido e partilhado no mundo das pessoas reais e vivas, traz em si a face linguística. O assassinato da professora aconteceu e está vinculado a determinados tempo e espaço, testemunhado por várias pessoas e noticiado pela mídia. E o assassinato resguarda influências de dizeres anteriores, retomados quando se explicita o pai.

Por isso, o primeiro plano é suficiente para a construção dos sentidos, dispensando o desenho do restante do corpo, já que, a partir do texto (figura 1), o interpretante é capaz de esboçá-lo, assim como de compreender a percepção sobre o mundo dos humanos. A expressividade facial é suficiente para referir-se ao ódio, à raiva e ao desejo de morte em jogo na primeira tragédia, ocorrida em 27 de março de 2023. Colocaram-se a escola e os ali envolvidos como inimigos das famílias. Assim, a ênfase no objeto — a faca ensanguentada —, explicita o desejo de morte e intolerância quanto à existência dos esquerdistas e de qualquer outra pessoa que, aos olhos dos direitistas, seriam inimigos ou ameaças.

A máscara que recobre parcialmente a face do criminoso o desumaniza. Trata-se de um agressor sem individualidade e autonomia, porque age orientado por discursos infundados e mentirosos de que, por exemplo, existem “destruidores de família” (os esquerdistas). O uso do pronome possessivo “nossas” carrega a intolerância às diferentes reconfigurações familiares. Na visão extremista, em linhas gerais, a família deve ser construída com base na visão tradicional, com pai e mãe como um casal religioso, heterossexual, devidamente casado e com filhos. Segundo Silva (2014), discursos alicerçados na força, na opressão e no ódio ao outro (o diferente) estão vinculados a processos de classificação e separação, porque uma hierarquia precisa ser construída e instaurada, estabelecendo um padrão tido como normal e natural. O uso de dois quadros, das legendas de identificação das funções sociais que

as personagens representam permite observar um dos efeitos da polarização político-ideológica entre direita e esquerda, com o apagamento da flexibilidade e combinações, tais como: centro, centro-direita e centro-esquerda. Na verdade, a simplificação e o apagamento de “extrema direita” e “extrema esquerda” geram dois lados: a “direita” e “esquerda” (esta porque aquela assim simplifica e apaga).

No segundo texto (figura 2), Lafa foca a expressividade facial da personagem. Entretanto, a crítica se volta para as reações das pessoas (o público das notícias) e da mídia. A espetacularização da violência é simultaneamente tematizada e criticada, porque o público consagra o desejo cruel do assassino. Mais uma vez, os dois quadros evidenciam a intenção do agressor, que busca ser famoso por intermédio da execução do ato violento. Tal busca é um processo que inclui planejamento e execução de um ato violento e, depois, o vislumbre dos efeitos (“apreciar da obra”). Nesse ponto, pode-se dizer que o quadrinista, a partir do texto em quadrinhos (figura 2), está situando certas pessoas (seguidores) como cúmplices da violência praticada, quer dizer, mais uma, já que diz respeito à segunda tragédia (8 de abril de 2023, na creche). Refere-se à corrente de propagação do ódio.

Figura 2 — A fama como desejo do assassino



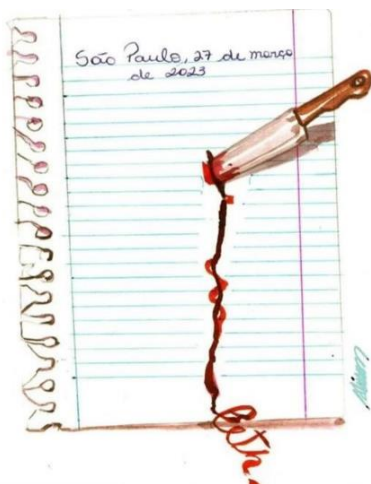
Fonte: Lafa, 8 abr. 2023.

De certa forma, resgata a crítica ao poder de influência que um sujeito pode exercer sobre o outro, feita no texto anterior (figura 1), de modo a ampliar tal poder do pai sobre o filho. No segundo texto (figura 2), o quadrinista concentra-se na crítica à rede de propagação e fortalecimento dos discursos de ódio e dos atos físicos e simbólicos de violência por meio da internet. Dentre vários benefícios, a internet está repleta, em contrapartida, de usos danosos,

como, por exemplo, o fortalecimento dos discursos de ódio e dos atos agressivos de grupos extremistas a partir da propagação em escala global, ausente de obstáculos postos pela distância geográfica (Pereira Gonçalves; Caldeira Neto; Franco de Andrade, 2017). No mundo virtual, os adeptos desses discursos, localizados em diversas partes do mundo, podem renovar e fortalecer interesses compartilhados. O “extremismo danoso” não é recente, porém contou com as redes sociais, principalmente, para se fortalecerem, tornando-se uma prática mundial (Pereira Gonçalves; Caldeira Neto; Franco de Andrade, 2017; Weber, Soares, Steiernagel, 2021). Assim, o uso do objeto *notebook* é importante para a composição da personagem no segundo texto (figura 2). Com ele, constrói-se o perfil do agressor e se retoma, de certo modo, o de outros. O agressor vinculado à tragédia na creche precisa de plateia para que os atos violentos se tornem espetáculos e, por consequência, seja “premiado” (popularidade, acessos, replicação dos vídeos de outros materiais). É a busca desenfreada pelo protagonismo “meteórico” às custas das vidas, dores e dos sofrimentos das pessoas comuns.

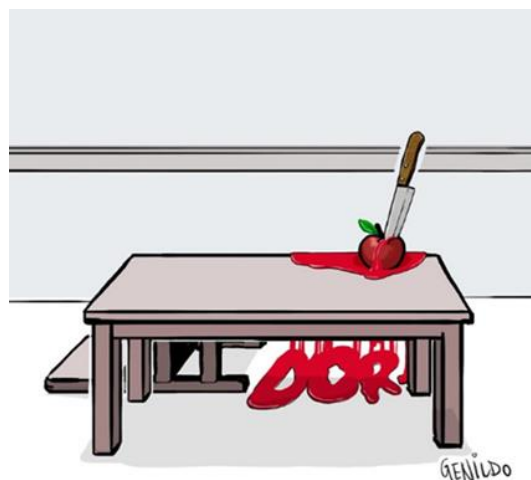
Por fim, o sangue que compõe parte do rosto representa as fatalidades consumadas na segunda tragédia (as crianças). O luto normalmente é representado pela cor preta, enquanto a morte pela vermelha. Em ambas, há uma concepção de morte em jogo, porém aquela cor concentra-se na dor, no sofrimento e na perda dos vivos que sobreviveram, familiares e amigos. E esta se volta para quem cometeu o ato fatal de violência. Isso ocorre mais no primeiro e segundo textos em quadrinhos — faca e rosto ensanguentados (figuras 1 e 2) —, do que nos demais textos, com sangue gerado a partir do uso da faca, escorrido e que delinea uma trajetória (figuras 3 e 4), e empoçado (figura 6).

Figura 3 — A morte da professora Beth



Fonte: Affonso, 27 mar. 2023.

Figura 4 — A maçã e a morte da professora



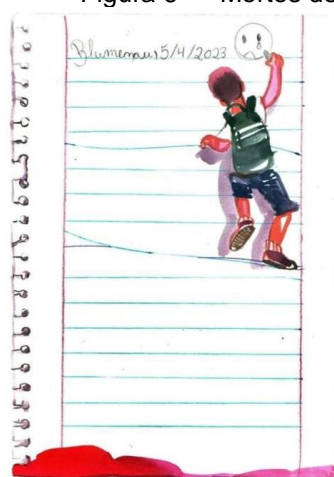
Fonte: Genildo, 27 mar. 2023.

Figura 5 — Casal de idosos e a tragédia na creche



Fonte: Genildo, 8 abr. 2023.

Figura 6 — Mortes de crianças



Fonte: Affonso, 8 abr. 2023.

Apesar de certa presentificação do assassino pelo sangue e pela faca, sinalizando movimento, o protagonismo está situado nas vítimas, e não no executor:

O protagonismo pertence à vítima, e não ao assassino. Portanto, a ilustração quadrinística das personagens não é feita diretamente por meio de uma personagem desenhada, seguindo as possibilidades “tradicionais” da linguagem em uso, e sim pelo que o nome e o objeto representam, significam para o destinatário dos textos em quadrinhos publicados no *Instagram*. Os efeitos provocados no interpretante são múltiplos, porém provavelmente estão ligados ao silêncio que impera diante da dor, tristeza e do luto (Borges, 2023, p. 209-210).

No terceiro e no quarto texto (figuras 3 e 4), não esboçar uma personagem pode sugerir que a dor, o sofrimento e o luto são tão intensos e

inexplicáveis que dificilmente poderiam ser materializados na forma de um figura que os represente. Isso lança ao interpretante a responsabilidade de construir não só a pessoa por meio de uma personagem própria, como também o oportuniza a sentir os efeitos dos textos em quadrinhos em si mesmo, um tempo para experienciar. No terceiro texto (figura 3), esse tempo para sentir (experienciar) pode estar demarcado minimamente na trajetória do sangue, entre a faca encravada próximo ao topo da folha de caderno, onde são mencionados o local e a data (cabeçalho), e o “pé da página”, onde se esboça o nome da vítima, grafado com sangue. No quarto texto (figura 4), a trajetória do sangue, que, ao final, configura o substantivo “dor” é sobreposta pela mesa da professora, móvel típico de uma sala de aula. Imprime uma marca de dor, pesar, tristeza à cena, ao local onde a professora Beth foi brutalmente assassinada. Dá-se um efeito de que aquele lugar e aquela ação estão aprisionados a 27 de março de 2023 e à escola, por consequência, conectados à memória dos feridos e das testemunhas.

[...] a maçã pode ser associada a várias construções simbólicas: na Bíblia, no livro de Gênesis, quando Adão e Eva “comeram o fruto proibido” da Árvore do Conhecimento (perspectiva religiosa); representação da feminilidade, vida, amor e da beleza, relacionada a Afrodite, figura da mitologia grega (perspectiva mitológica); a maçã enfeitada no conto Branca de Neve e o Sete Anões dos Irmãos Grimm (perspectiva literária). Em todas as situações, o líquido vermelho que transbordara da maçã resultou em dor. Assim, a maçã representa a vítima, enquanto o sangue a morte (Borges, 2023, p. 212-213).

Também se pode inferir que a combinação de faca encravada e sangue escorrendo com elementos simbólicos ligados ao meio escolar (folha de caderno com local e data; mesa e cadeira diante de uma lousa) presentificam a morte real em ambiente escolar. A morte simbólica aflora em função das influências externas. Um lado deteriorado da sociedade brasileira é reproduzido no meio escolar: um assassino que atua como “justiceiro”, já que equivocadamente estaria impedindo a destruição das famílias pelos esquerdistas (figura 1), e outro assassino que almeja a fama às custas da perversidade predatória, porque supostamente seria digno de “premiação” quanto mais vulneráveis fossem as vítimas (figura 2).

No terceiro texto (figura 3), são retomados os efeitos danosos do bolsonarismo na sociedade brasileira, acrescentando o alinhamento político-ideológico com o neonazismo, que se caracteriza como exemplo de extremismo e ódio.

O bolsonarismo, assim como o nazi-fascismo, se apresenta como uma espécie de purificação e higienização da “velha política”, trazida curiosamente pelas “mãos limpas” de um sujeito que esteve 28 anos na Câmara dos deputados, com apenas um projeto aprovado. Ou seja, teríamos aí todos os elementos estruturais para realizar essa comparação: crise econômica, esvaziamento da política, apoio das oligarquias e do povo a líderes carismáticos, captura e instrumentação do poder judiciário (Indursky, 2020, p. 151).

No Brasil, há diversos seguidores de grupos neonazistas. O quadrinista, em quadro único, retratou um casal de idosos conversando. Nesse sentido, mesmo que o tempo passe, porque o nazismo se consolidou durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a perseguição a determinados grupos (judeus e negros, por exemplo) persiste. Os idosos sinalizam a manutenção do nazismo à medida que o bolsonarismo renova práticas extremistas e de ódio, apresentando-se em outra roupagem.

Na atual conjuntura, as ideias disseminadas por esses grupos, relacionadas ao racismo, homofobia, misoginia, entre outros, vêm ganhando cada vez mais espaço. Apresenta-se, desse forma, uma nova onda de conservadorismo e preconceito. Os líderes de extrema direita passaram a representar essa parcela da população que antes permanecia calada, mas que agora ganha voz através dos discursos de ódio, muitas vezes infundados e vazios. Isso se intensifica por conta do uso cada vez mais exponencial da internet por parte destes sujeitos para disseminar suas ideologias (Weber; Soares; Steiernagel, 2021, p. 2).

Pode-se dizer que ocorreu uma “hibernação” dessas práticas quando o cenário político brasileiro não se configurava alinhado mais “à direita”, e sim em gestões mais direcionadas à esquerda (Lula e Dilma). Talvez houvesse certa dificuldade para a disseminação. No entanto, a internet — com destaque para as redes sociais —, e a consolidação do bolsonarismo (gestão federal entre 2019 e 2022) facilitou que os “hibernados saíssem da toca”. Confunde-se liberdade de expressão com respeito e tolerância às diferenças. Ressignifica-se aquela

proposta nazista de eliminação principalmente dos judeus (antisemitismo) e de outros grupos “indesejados”, num processo de classificação e diferenciação, para evidenciar os inimigos.

Com base nas ideias de Silva (2014) e Rajagopalan (2003) em relação à construção identitária dos sujeitos na contemporaneidade, claramente se percebe uma visão de mundo que se pauta propositalmente nessa classificação e diferenciação das pessoas em grupos alinhados às ideias de preservação de certas tradições vinculadas, por exemplo, à composição familiar e à permanência das desigualdades sociais. Tais desigualdades devem ser mantidas porque não se pretende redistribuir, de maneira igualitária e democrática, os capitais econômicos, simbólicos e culturais. Mascara-se determinada “lógica” das estruturas sociais a partir de uma hierarquia que beneficia certos grupos cujas preferências e interesses são tidos como “melhores”. Não querem, por exemplo, que mulheres e pessoas negras assumam posições de liderança e que tenham ascensão socioeconômica, cultural e político-ideológica.

A partir da charge (figura 5), nesse sentido, evidencia-se que muitas pessoas veem a violência sob a perspectiva da banalidade e certa normalidade. Se fosse um agressor preto, então as preferências das “pessoas brancas”, alinhadas às propostas extremistas e de ódio estariam ameaçadas. O contrário, se fosse um homem branco, logo sua ação violenta seria motivada por uma “boa” razão, como se percebe a partir do primeiro texto em quadrinhos (figura 1). Além disso, observando o afazer em execução pela senhora, a posição das mulheres deve se limitar ao lar, já que o protagonismo deve ser dos homens, perpetuando a visão machista-patriarcal.

Rajagopalan (2003) faz referência à demonização dos mulçumanos como terroristas após o 11 de Setembro de 2001 — a conhecida Guerra contra o Terror, vinculada inicialmente à gestão de George W. Bush, e que justificou a “permanência” dos Estados Unidos no Afeganistão por cerca de vinte anos, de 2001 a 2022 —, para mostrar as estratégias que norteiam a política de nomeação. Aponta-se um inimigo a partir da simplificação das características e condições em direção a uma designação que carrega em si o nomear e o predicar, para, então, julgá-lo, persegui-lo e condená-lo. A partir dessa estratégia de designação, veio a ideia, por exemplo, de que todo mulçumano seria

potencialmente um terrorista, um inimigo do povo americano. Tal estratégia se repete quando separam as pessoas em bolsonaristas e lulistas. Simplifica-se a ponto de atribuir características reducionistas e distribuir o mundo em dois polos opostos e mutuamente excludentes. Isso muito facilita a manutenção das relações de poder, em favor do extremismo e do ódio.

No sexto texto em quadrinhos (figura 6), uma personagem é ilustrada, sendo possível identificá-la pelas vestimentas e mochila, típicas do uniforme escolar, além das referências espacial e temporal, tudo estabelecendo conexão com a tragédia ocorrida em 8 de abril, na creche. Alisson Affonso ressignifica a folha de caderno, puxada com força (picotes rompidos à esquerda), como um “superquadrinho” (Eisner, 2010, p. 82). Na tragédia na Escola Raul Brasil (18 de março de 2019), o quadrinista usou a mesma estratégia, homenageando as vítimas sobreviventes (Borges, 2022). Em vez de referir-se à vítima pelo nome (figura 3), no sexto texto (figura 6), retratou uma criança de costas (manutenção do anonimato das vítimas), desenhando um rosto triste e lágrima escorrendo (metáfora visual como reforço expressivo) e boca “caída”. Um menino, usando uniforme escolar, tênis e mochila (representação comum de aluno), estava escalando as linhas da folha para fazer o desenho. Isso pode remeter à rotina escolar dos alunos e à atitude do assassino, que escalou o muro da creche para atacar as crianças e funcionários. Ao “pé” da folha, uma mancha vermelha representa as mortes e vítimas feridas simbólica e fisicamente. Em ambos os textos produzidos por Alisson Affonso (figuras 3 e 6), também há referência ao silenciamento das vítimas, em função da vulnerabilidade e a não possibilidade de defesa. As vítimas foram surpreendidas e silenciadas.

2 – Aspectos da representação nos textos em quadrinhos

A representação, segundo Borges (2004) e Rajagopalan (2003), envolve escolha, política e linguagem. O sujeito realiza escolhas orientadas político-ideologicamente, jamais aleatórias e desconexas contextualmente; sempre elas acarretam efeitos. Tais escolhas assemelham-se a um “efeito dominó”, porém as peças difundem-se descoordenadamente. Dispersam-se. E o sujeito contemporâneo esquece que é responsável pelos efeitos das próprias escolhas, porque isso faz parte do jogo ético-político (Borges, 2004). Mesmo que o

esquecimento ocorra, propositalmente ou não, a responsabilidade é inevitável. Quando se fala em representação, a linguagem conecta-se à política. Para Rajagopalan (2003, p. 32),

[...] a representação política e a representação linguística são apenas duas faces de uma mesma moeda. Ou seja, a tese do representacionalismo é, *ao mesmo tempo*, uma questão política e linguística — ou quem sabe, *política por ser linguística e linguística por ser política*.

A dupla dependência entre política e linguagem torna-se completa com a visão performativa de linguagem (Austin, 1990; Borges, 2004; Souza Filho, 2006; Rajagopalan, 2003), configurando um tripé quando são levados em consideração os textos em quadrinhos aqui comentados. A linguagem quadrinística, ao ser entendida de maneira performativa (Austin, 1990), permite pensar no entrelace dos seguintes aspectos da representação: (a) o descritivo-referencial; (b) factual-valorativo; (c) o narrativo-comentado; (d) o falar em nome de algo ou alguém. Isso é possível, porque pensar performativamente a linguagem é concebê-la como “[...] uma forma de ação e não apenas de representação do real ou de descrição de fatos no mundo (Souza Filho, 2006, p. 220).

Assim, cada ação de criar um texto em quadrinhos, como os seis trazidos como objeto de análise, traz muito mais do que uma referência a fatos reais, descrevendo-os em relação ao tempo e ao espaço, designando os envolvidos em diferentes funções (vítimas, testemunhas, sobreviventes, assassinos etc.), materializadas em personagens ou inferidas por outras formas (presentificação simbólica). Por trás desses textos (figuras 1 a 6), percebe-se que os quadrinistas tanto na condição de humanos como de autores olharam para os fatos trágicos não visando à completude dos acontecimentos, das emoções, dos sentidos, e sim procurando um ponto de vista dentre múltiplos possíveis. Cada um, à própria maneira e posicionado a partir de um lugar social, efetuou uma escolha, mostrando ao outro (o destinatário) certos aspectos dos fatos trágicos e atrelados aos valores também atribuídos quando criou o texto. Cada destinatário, seja o seguidor do perfil na rede social *Instagram* de cada cartunista, sejam outros leitores que terão acesso aos textos por outras vias, por exemplo, por meio deste artigo, deverá atuar como interpretante. Não há imparcialidade nos

textos. Pelo contrário, crítica, indignação, dor, tristeza, luto, raiva, choque... afloram nos textos em quadrinhos. Não há indiferença ou insensibilidade às tragédias ocorridas, uma em escola estadual paulista e outra em uma creche catarinense. Convoca-se o interpretante a pensar sobre o que aconteceu, as possíveis motivações, a naturalização da violência, a banalização da morte, o conformismo viciante e confortável.

Espera-se que o interpretante mova e comova de uma alguma forma, porque os textos em quadrinhos também procuram falar em nome das vítimas, principalmente no silenciamento retratado por meio do sangue que percorre a página do caderno (figuras 3 e 6), escorre da maçã sobre a mesa (figura 2) e que ficou na faca (figuras 1, 3 e 6). Espera-se, ainda, que se revolte. Por isso, não é possível apenas se referir aos fatos, descrevendo-os, sem que neles manifestem posicionamentos e valores sobre os fatos. Nesse sentido, os textos em quadrinhos, por meio de uma linguagem específica, são formas de agir. São, portanto, performativos.

Considerações finais

Nos textos comentados, tragédias foram diversamente representadas via linguagem quadrinística. Está em jogo nesses textos, tematicamente unidos, uma representação linguística e política, apresentando aos leitores percepções do mundo. Cada texto fala, comenta as tragédias, delimitando duas referências reais, situadas no tempo-e-espço, partilhadas com os brasileiros. Os quadrinistas usam a linguagem quadrinística, ultrapassando as funções referencial, descritiva e narrativa, porque as percepções por eles retratadas são performativas, ações linguístico-políticas. O dizer ilustrado, desenhado é simultaneamente falar sobre o mundo, comentá-lo e nele agir. Fazer quadrinhos é representar o mundo, esboçando percepções e provocando reflexões. Quando a linguagem quadrinística está em uso, há representação, linguagem, política e performatividade.

Referências

ACEVEDO, Juan. *Como fazer histórias em quadrinhos*. São Paulo: Global Editora, 1990.

AUSTIN, John Langshaw. *Quando dizer é fazer*. palavras e ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

AFFONSO, Alisson. 27 de março. Disponível em:
<https://www.instagram.com/p/CqTjoVfPQw/>. Acesso em: 18 abr. 2023.

AFFONSO, Alisson. 5 de abril. Disponível em:
<https://www.instagram.com/p/CqqnV9sv5dk/>. Acesso em: 18 abr. 2023.

BORGES, Maria Isabel. *O jogo ético-político nos quadrinhos editados em "O Pasquim"*. 2004. 179f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.

BORGES, Maria Isabel. Ilustrações editoriais: uma perspectiva sócio-histórica sobre a tragédia na Escola Estadual Raul Brasil. In: PELEGRINELLI, André; MOLINA, Ana Heloísa (Org.). *Experiências visuais: ecos temporais e ecos espaciais*. Londrina: Eduel, 2022, p. 57-79.

BORGES, Maria Isabel. Tragédia na escola em 2023: quadrinhos, representação, visão performativa de linguagem e percepção de mundo. In: SANTANA, Wilder Kleber Fernandes; SARAIVA, Luciano Mendes (Org.). *Educação e práticas interdisciplinares: linguagens e diálogos*. Vol. 3. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023, p. 204-223. *E-book*. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/educacao-e-praticas-interdisciplinares-linguagens-e-dialogos-vol-3/>. Acesso em: 30 nov. 2023.

BORGES, Caroline; PACHECO, John. Quatro crianças são mortas em ataque a creche em Blumenau; homem foi preso. *G1 SC*. Publicado em: 5 abr. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/04/05/ataque-creche-blumenau.ghtml>. Acesso em: 18 jul. 2023.

CAGNIN, Antonio Luiz. *Os quadrinhos: um estudo abrangente da arte sequencial, linguagem e semiótica*. São Paulo: Criativo, 2014.

DIREITA e esquerda: entenda o que cada um significa. *Estado de Minas*, 15 mar. 2019, Educação – Enem. Disponível em:
<https://www.em.com.br/app/noticia/especiais/educacao/enem/2019/03/15/noticia-especial-enem,1037686/direita-e-esquerda-entenda-seu-significado.shtml>. Acesso em: 30 nov. 2023.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista*. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FRAINDENRAICH, Verônica. Violência nas escolas: discursos de ódio nas redes sociais estimulam ataques, diz pesquisadora. *Canguru News*. Publicado em: 27 mar. 2023. Disponível em: <https://cangurunews.com.br/violencia-nas-escolas-discursos-de-odio-nas-redes-sociais-estimulam-ataques-diz-pesquisadora/>. Acesso em: 18 jul. 2023.

GABRIELE, Beatriz; CARLUCCI, Manoela. Criminoso que atacou creche em Blumenau vira réu. *CNN Brasil*. Publicado em: 18 abr. 2023. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/criminoso-que-atacou-em-creche-de-blumenau-vira-reu/>. Acesso em: 20 jul. 2023.

GEHM, Betina. Ataques em escolas: discursos de ódio e falta de atenção psicológicas agravam risco, avalia Instituto Sou da Paz. *Humanista*. Entrevista. Publicado em: 31 mar. 2023. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/humanista/2023/03/31/ataques-em-escolas-discursos-de-odio-e-falta-de-atencao-psicologica-agravam-risco-avalia-instituto-sou-da-paz/>. Acesso em: 19 jul. 2023.

GENILDO. Dor. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CqS9MN8LZTh/?img_index=1. Acesso em: 18 abr. 2023.

GENILDO. Essa charge... Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cqq80aKLSDQ/>. Acesso em: 18 abr. 2023.

INDURSKY, Alexei Conte. Psicanálise, fascismo e populismo: notas sobre a emergência do bolsonarismo no Brasil. *Teoría y Crítica de la Psicología*, v. 14, p. 150-162, 2020. Disponível em: <https://teocripsi.com/ojs/index.php/TCP/article/view/312>. Acesso em: 20 jul. 2023.

LAFAYETTE, Daniel. Pai e filho. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CqToOe0Pybs/?igshid=MDJmNzVkMjY%3D>. Acesso em: 18 abr. 2023.

LAFAYETTE, Daniel. O que eles querem. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CqqSxL-u6kK/>. Acesso em: 18 abr. 2023.

McCLOUD, Scott. *Desvendando os quadrinhos*. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2005.

PEREIRA GONÇALVES, Leandro; CALDEIRA NETO, Odilon; FRANCO DE ANDRADE, Guilherme Ignácio. Neonazismo e transição democrática: a experiência brasileira. *Anuário Instituto de Estudios Histórico-Sociales*, v. 32, n. 2, p. 221-240, 2017. Disponível em: <https://ojs2.fch.unicen.edu.ar/ojs-3.1.0/index.php/anuario-ies/article/view/195>. Acesso em: 20 jul. 2023.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2010.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e questão ética*. São Paulo: Parábola, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 73-102.

SOUZA FILHO, Danilo Marcondes de. A Teoria dos Atos de Fala como concepção pragmática de linguagem. *Filosofia Unisinos*, v. 7, n. 3, set./dez., p. 217-230, 2006. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/filosofia/article/view/6101>. Acesso em: 20 jul. 2023.

WEBER, Camila Eduarda; SOARES, Ana Amélia Serafim; STEIERNAGEL, Daiane Raquel. O movimento neonazista e a extrema direita no Brasil. *Salão do Conhecimento*, v. 7, n. 7, p. 1-8, 2021. Disponível em: <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento/article/view/21079/19790>. Acesso em: 20 jul. 2023.

Recebido em: 04.12.2023.

Aprovado em: 09.12.2023.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional